



ACTAS
DO
1º ENCONTRO DE HISTÓRIA REGIONAL E LOCAL
DO
DISTRITO DE PORTALEGRE

24 A 27 DE SETEMBRO DE 1987

Centro de Recursos e Animação Pedagógica (C. R. A. P.)
da
Escola Superior de Educação de Portalegre

COTA 719
NÚCLEO *Argemônio*
REGISTO
BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE NISA

INSCRIÇÃO

José D

Escola

ao t
uma
tece
conh
anep
e co

avo
nã
lim

ba
ju

cu
de

INSCRIÇÕES ROMANAS DO CONCELHO DE NISA

NOVOS ACHADOS

José Dinis Murta

Escola Secundária Mouzinho da Silveira — Portalegre

Pretendíamos com esta breve comunicação subordinada, inicialmente, ao tema genérico -INSCRIÇÕES ROMANAS DO CONCELHO DE NISA- dar a conhecer uma inscrição funerária cujo suporte é uma estela, o achado de três aras e tecer algumas considerações sobre alguns monumentos epigráficos (1) já conhecidos e, por fim, apresentar um quadro sinóptico das inscrições e aras anepígrafas (2) do Concelho coma localização geográfica da sua proveniência e conjunto fotográfico das mesmas.

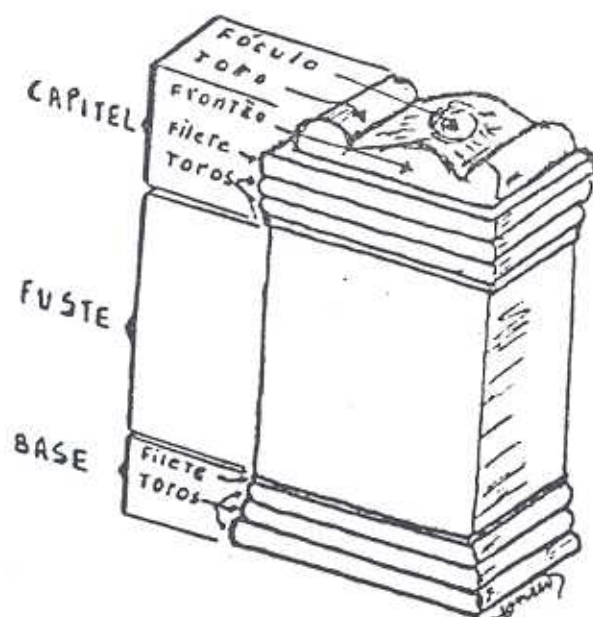
O tempo foi decorrendo, o material e as informações foram-se avolumando e, como os vinte minutos de que dispomos seriam insuficientes, e não pretendíamos alongá-los, decidimos apor um subtítulo -NOVOS ACHADOS- e limitarmo-nos apenas à inscrição da estela e às três aras.

Vou ser breve.

Antes, porém, uma curta introdução.

Denomina-se estela "um monumento funerário de pouca espessura, bastante mais alto que largo, destinado a ser enterrado na vertical" (3) junto ao túmulo.

Ara (o mesmo que altar) é um monumento votivo (erigido em cumprimento de uma promessa ou voto) ou funerário (para perpetuar a memória de um morto) constituído por três partes: capitel, fuste e base.



Tanto a base como o capitel podem ser mais ou menos trabalhados (moldurados) e possuir filetes e/ou toros (4).

No capitel podem ainda existir frontões e na face superior há, geralmente, uma pequena concavidade-fóculo-destinada às libações: aqui se derramavam líquidos ou se queimavam aromas nos sacrifícios em honra da divindade ou do defunto.

O fuste destinava-se a ser epigrafado, a receber uma inscrição em latim (5), de acordo com o tipo de monumento (votivo ou funerário), que obedecia a uma fórmula, não rígida, e da qual, entre outros elementos, constava a identificação da divindade ou do defunto e da(s) pessoa(s) que o dedicara(m) ou mandara(m) erigir.

Para economizar espaço utilizavam-se siglas e abreviaturas; a separação destas e a das palavras era feita por pontos.

As epígrafes (6) votivas têm as iniciais (siglas) V.S. (votum solvit: "cumpriu o voto") e as funerárias (ara ou estela) H.S.E. (Hic situs est: "aqui jaz" ou "aqui está sepultado") e/ou S.T.T.L. (sit tibi terra levis: "que a terra te seja leve").

É a partir desta fórmula que se reconhece facilmente a categoria da inscrição. Como, por vezes, são encontrados monumentos sem inscrição (anepígrafos), por esta ter desaparecido ou por nunca ter sido gravada, ficamos, assim, sem elementos classificatórios, a não ser que se encontrem "in situ" e se possa, deste modo, inferir a categoria.

As aras eram, por vezes, decoradas com desenhos de objectos rituais usados na devoção para com os deuses ou no culto aos mortos.

Há outras inscrições como por exemplo honoríficas e monumentais mas não cabem no âmbito desta comunicação até porque não existem no Concelho, pelo menos conhecidas.

Poder-se-á perguntar: Qual é o interesse do estudo das inscrições (epigrafia)? (7)

Recorro ao epigrafista Professor Doutor José d'Encarnação que passo a citar:

"Para caracterizar a população que, em determinado momento, estanciou num território, importa definir-lhe a proveniência, a sua distribuição no espaço e no tempo, o seu estatuto socio económico e, se possível, o seu nível cultural.

Em relação à época romana e no que respeita ao nordeste alentejano, são os monumentos epigráficos, juntamente com os dados das fontes historiográficas e os vestígios arqueológicos, que mais eloquentemente nos poderão elucidar." (8)

Passemos ao que nos propusemos fazer para dar algum contributo para um melhor conhecimento das gentes que habitaram o território do actual Concelho de Nisa.

1. Fotos 1A e 1B

Achado: Horta do Vale, Albarrol, Freguesia de Amieira do Tejo, Concelho de Nisa.

Cerca de 800 metros a Oeste da povoação de Albarrol.

Coordenadas: N.229.76/285.5 (9).

mapa A n.1

Paradeiro: Está em curso a sua cedência ao Museu da Santa Casa da Misericórdia de Nisa-Fundação Lopes Tavares.

Descrição: Estela funerária em granito de grão médio, com frontão, campo epigráfico (10) não totalmente plano, com pátina, em bom estado de conservação.

Contexto arqueológico: A estela encontra-se isolada, enterrada na vertical, no perímetro exterior do "rebolim" (11) da nora da Horta do Vale, pertencente ao Sr. Manuel Jorge, residente em Lisboa. Apenas tinha a

descoberto a parte superior, cerca de 40 cm

Por enquanto, sem uma escavação em profundidade e extensão-vertical e horizontal é difícil saber se se encontra "in situ". Para efeitos de pesquisa da inscrição escavei um pequeno buraco ao redor do monumento com cerca de 35 cm de profundidade-somente terra e pedra solta igual à empregada no "rebolim"(xisto).

O poço foi aberto e empedrado nos princípios deste século e a memória das pessoas apenas reteve como extraordinário o facto de no local não haver granito e deste ter sido trazido da zona onde ficava a fonte de Albarrol, cerca de 800 metros a E.SE. (actualmente captação de água para a aldeia, sita aproximadamente a 200 metros desta, à esquerda da estrada de acesso).

Se a estela já ali se encontrava (ou se veio de outro lado, porque não foi utilizada no empedramento?

Para quê, ali, naquele sítio do "rebolim", uma pedra pontiaguda, aparentemente sem utilidade, com mais de um metro de comprimento, certamente, e apenas 40 cm à superfície?

Acharam-na interessante? Talvez em a face principal voltada para a entrada da propriedade e seria imediatamente visível a quem entrasse-isto no tempo em que os silveiros ainda não se haviam apoderado do local e o "engenho" funcionava. Porém ninguém se lembra das "letras" - estas só muito recentemente, por mero acaso e curiosidade de um rapaz, foram detectadas e, também, não há notícia de terem sido encontrados materiais arqueológicos na Horta apesar de muito próximo do monumento passar a conduta subterrânea (por baixo do "rebolim") que conduzia a água da pia de recepção dos alcatruzes da nora para o tanque de armazenamento e de distribuição para a rega. Talvez a referida canalização não esteja muito profunda.

Se não estiver "in situ" a sua origem não deve estar longe. A curta distância fica o local de fornecimento do granito e a pequena povoação de Albarrol cuja etimologia nos aponta já para uma permanência romana e árabe (12) (13) e, talvez, céltica se atendermos também à etimologia do hidrotópónimo Peniche (14) (15) (16), nome dado ao ribeiro que desagua no rio Tejo e para onde confluem as águas que formam a bacia hidrográfica que abrange a aldeia.

Quanto aos vestígios arqueológicos encontrados na área temo-los desde a pré-história - arte rupestre do vale do Tejo, fragmento de machado de pedra polida (17), uma supultura antropomórfica (18) e a informação oral (bem como a pista etimológica de Peniche) das ruínas de um antigo povoado.

Os lusitano-romanos concentram-se, principalmente, à volta da povoação. Existem, em abundância, cacos de cerâmica comum, tojolos ("lateres"), telhas rectas e curvas ("tegulae", "imbrices") e pedras de granito aparelhadas. Aqui têm sido recolhidos, entre outros, mós manuais (conhecidos na região por "moengas" ou monholas"), um peso de lagar, um capitel de coluna, o fuste de uma coluna (reutilizado numa habitação da Falagueira), um peso de tear (informação não confirmada), "uns púcaros de barro a modos para beber" (no dizer do Sr. António Emílio), uma ara que referirei mais adiante e, provavelmente, uma segunda ara encontrada numa casa da Falagueira.

A cerca de 1200 metros a Sudoeste de Albarrol ficava a Ermida de S. Domingos (hoje palheiro). Encontrei aí fragmentos de tijolo e telha curva. Terá aí existido, anteriormente, um culto pagão? É possível...

Para terminar, diremos que Albarrol não é um núcleo lusitano-romano isolado na região ocidental do Concelho de Nisa, muitos outros existem.

Dimensões: altura da parte posta a descoberto:75 (19) largura e espessura (medidas tiradas imediatamente abaixo da última linha do texto), respectivamente, 47 e 22.

Campo epigráfico: 45x47

Inscrição:

T O N G E
T A . T V L O
R I . F . A N . L X .
H . S . E . S . T . T .
L . S . T . F . C .

= separação das palavras, abreviaturas, siglas e numeral.
Fazem parte do texto, na estela.

Leitura:

TONGE/TA.TVLO/RI.F(ilia).AN(norum).LX(sexaginta)/H(ic)S(ita).E(st)
S(it).T(ibi).T(erra)/5 L(evis).S(...).T(...).
F(aciendum).C(uravit).

/5=separação das linhas de acordo com a inscrição na estela. As
linhas são numeradas de 5 em 5.

() Entre parêntesis faz-se o desdobramento das siglas, da
breviatura e do numeral.

A letra V escreve-se sempre V mesmo com o valor de U.

Tradução: Tongeta, filha de Tuloro, de 60 anos, está aqui
sepultada. Que a terra te seja leve! S... T... mandou fazer.

Por enquanto, é pura especulação fazer a leitura e tradução de quem
mandou fazer o monumento (S... T...).

Os antropónimos são nomes indígenas.

Tulorus (Tuloro) é um nome que aparece pela primeira vez.

Datação: Século I

Para a leitura, tradução e datação desta epígrafe tivemos a
colaboração de pessoa amiga que imediatamente acedeu ao nosso pedido -Dr.
E. Maia do Amaral- a qual, num futuro próximo, irá publicar um estudo
mais aprofundado.

2. Fotos 2A e 2B-Vide

Achado: Tapada da Fonte do Negro, Albarrol, Freguesia de Amieira do
ajo, Concelho de Nisa.

Cerca de 500 metros a Norte de Albarrol.

mapa A n^o2

Paradeiro: Na posse do seu achado - José Farinha Ramalhete de Monte
laro.

Descrição: Ara anepígrafa (apenas são perceptíveis algumas letras),
pequena mas bem proporcionada, elegante, em granito de grão fino, de cor
bege, trabalhada nas quatro faces. Capitel com fóculo central, circular, em
relevo, ladeado à esquerda e à direita por toros lisos não muito elevados e
lanificados, à frente e atrás por frontões (mais alto aquele que este)
levemente destruído. A base está fragmentada na face posterior.

Contexto arqueológico: Zona de Albarrol. A ara foi achada pelo Sr.
José Farinha Ramalhete quando procedia a trabalhos de lavoura. Na "batida
de campo" realizada detectaram-se alguns fragmentos de cerâmica comum e de
telha curva. Apesar de o local ser xistento havia algumas pedras de granito
(a cerca de 100 metros já aparece esta rocha em abundância).

Dimensões:

altura total: 41,5
 capitel: 9,5 x 21 x 13,5
 fuste: 20,5 x 18 x 10,5
 base: 11,5 x 22,5 x 14,5
 campo epigráfico: 20,5 x 18

Datação: Provavelmente, do século I

3. Fotos 3A e 3B.

Achado: Falagueira, freguesia de S. Matias, Concelho de Nisa.
 mapa B nº 3

Paradeiro: Está em curso a sua cedência e trasladação para o Museu da Santa Casa da Misericórdia de Nisa-Fundação Lopes Tavares.

Descrição: Ara anepígrafa (apenas são perceptíveis algumas letras), em granito de grão fino, bastante danificada no capitel e base. Apresenta bastantes vestígios de cal cuja remoção, talvez, lance alguma luz sobre a leitura da inscrição.

Contexto arqueológico: A ara foi retirada da parede de uma habitação da Falagueira quando se procedia a restauros e posteriormente levada para o campo, destinada a ter um fim menos nobre do que aquele que tivera até então-muro de uma propriedade rústica. Tomei conhecimento da sua localização em Agosto passado por intermédio do Sr. José Farinha, pessoa nata para as "coisas" da arqueologia. Desconheço a existência de vestígios lusitano-romano na zona da Falagueira, penso que deve ter sido trazida de Albarrol devido à proximidade desta povoação e a exemplo do que aconteceu com o fuste de coluna já mencionado.

Dimensões:

altura total: 61
 fuste: 30 x 24 x 24

4. Fotos: 4A e 4B-Vide pág. 14

Achado: Tapada do Severino, Monte Claro, freguesia de S. Matias, Concelho de Nisa.
 mapa C nº 4

Paradeiro: Na posse do seu achador-José Farinha Ramalhete de Monte Claro.

Descrição: Ara anepígrafa (não tem vestígios de ter sido gravada), em granito de grão médio com pátina. O capitel e a base, com vestígios de molduração, têm proporções volumosas, desproporcionadas em relação ao fuste. O capitel, com fóculo ladeado por dois toros, tem frontão triangular à frente e atrás. A base está, em parte, danificada.

Contexto arqueológico: A ara foi encontrada na tapada do Severino incluída numa vasta zona de vestígios arqueológicos que abrange além desta a tapada do Ribeiro de Filipe, Horta Velha, Tapada Nova e Tapada de S. João. Aqui, onde não falta a fonte de água férrea (20) e bastantes fragmentos de cerâmica, já foram recolhidos uma base e um capitel de coluna, mós manuais e uma moeda romana. Associado ao local, mais propriamente à Horta Velha, existem duas lendas que nos falam de mouras encantadas e dos seus tesouros de "libras" (20). Na Tapada do Severino em 1946 foi encontrada uma panela de barro com cerca de uma centena de moedas árabes (21) (22).

Dimensões:

altura total: 46
capitel: 15 x 27 x 21
fuste: 14 x 22x 16
base: 17 x 29 x 21



Com estes quatro monumentos agora dados a conhecer eleva-se a
massete o conjunto de inscrições e aras anepígrafas do Concelho de Nisa.

TIPO DE MONUMENTO	VOTIVA	INSCRIÇÃO FUNERÁRIA	NÃO TEM	TOTAL
ARA	5	-	9	14
ESTELA	-	1	-	1
LÁPIDE TUMULAR	-	1	-	1
DESCONHECIDO	-	1	-	1
TOTAL	5	3	9	17

NOTAS

- (1) - Com inscrição
- (2) - Sem inscrição
- (3) - ENCARNAÇÃO, José d' - Introdução ao Estudo da Epigrafia Latina, Coimbra, 1979, pág.7
- (4) - Filete (listel) - moldura estreita limitada por rectas paralelas tanto horizontal como verticalmente.
- Toro - moldura em semicírculo convexo.
Cfr. COLARES, José Pedro dos Reis - Manual do Marceneiro, 3a edição, Lisboa, pág. 56/57.
- (5) - Os monumentos epigráficos da Lusitânia, na época clássica, pertencem, na sua esmagadora maioria, ao período da denominação romana.
Cfr. DICIONÁRIO DE HISTÓRIA DE PORTUGAL (direcção de Joel Serrão), Iniciativas Editoriais, Lisboa 1975, artigo: Epigrafia
- (6) - Inscrições ou o monumento epigráfico no seu conjunto.
- (7) - Epigrafia - "Ciência que estuda as inscrições em materiais duros: pedra, metal, cerâmica, etc. Não se contentando com a decifração o epigrafista procura fazer a integração histórica dos textos".
ENCARNAÇÃO, ob. cit. pág.7
- (8) - ENCARNAÇÃO, José d' - A População Romana no Nordeste Alentejano (Comunicação às "I Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano" - Castelo de Vide - 15/VI/1985) pág.1 (No prelo).
(Texto amavelmente cedido pelo autor).
- (9) - As coordenadas foram obtidas a partir da quadricula secundária quilométrica Gauss-elipsóide internacional-Datum de Lisboa. Carta Militar de Portugal. Escala 1:25 000. Folha 323, Amieira (Nisa), 1947.

- (10) - Zona da inscrição.
- (11) - Caminho em volta da nora.
- (12) - SILVEIRA, Joaquim da Toponímia Portuguesa (Esboços) "Revista Lusitana", Vol. 24, 1921/22. pág. 200.
- (13) - LOPES, David-Toponímia Árabe de Portugal, "Revista Lusitana", Vol.24, 1921/22. pág.262.
- (14) - VASCONCELOS, José Leite de -Miscellanea-IV-Etymologia Portuguesa-8-Sufixos, "Revista Lusitana", Vol.2, 1980/92. pág. 271/272
- (15) - VASCONCELOS, José Leite de-Notícias Philológicas, "Revista Lusitana", vol.IV, s/d, pág. 131/132.
- (16) - SILVEIRA, Joaquim da -Ob. cit. pág.220
- (17) - Encontrado pelo Arquitecto Caria Mendes
- (18) - Identificada, medida e fotografada numa "batida de campo" em 1981.
- (19) - Todas as medidas dos monumentos são dadas em cm e pela seguinte ordem: altura x largura x espessura.
- (20) - Indicia vestígios arqueológicos
- (21) - SÉCULO, O-Uma panela com moedas árabes de há doze séculos foi encontrada numa herdade alentejana, Notícia de la página, 2 de Abril de 1946.
- (22) - FIGUEIREDO, José F. - Monografia da Notável Vila de Nisa, Sintra, 1956, pág.3
-



Foto 1A



Foto 1B

ESTELA-Horta do va e, Albarrol



Foto 2A



Foto 2B

ARA-Tapada da fonte do Negro, Albarrol

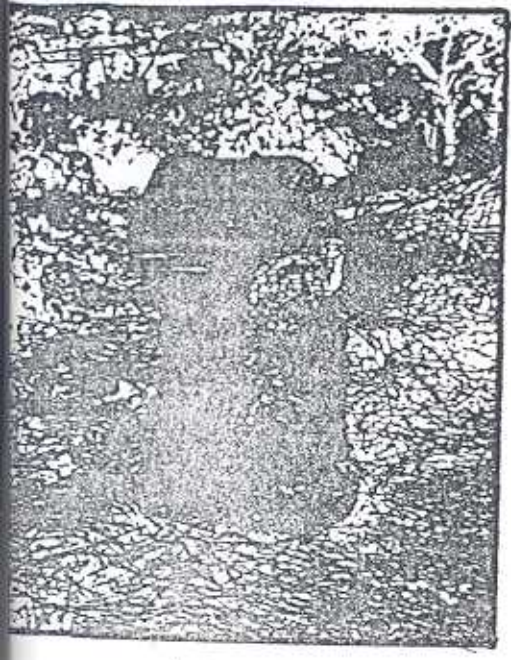


Foto 2A

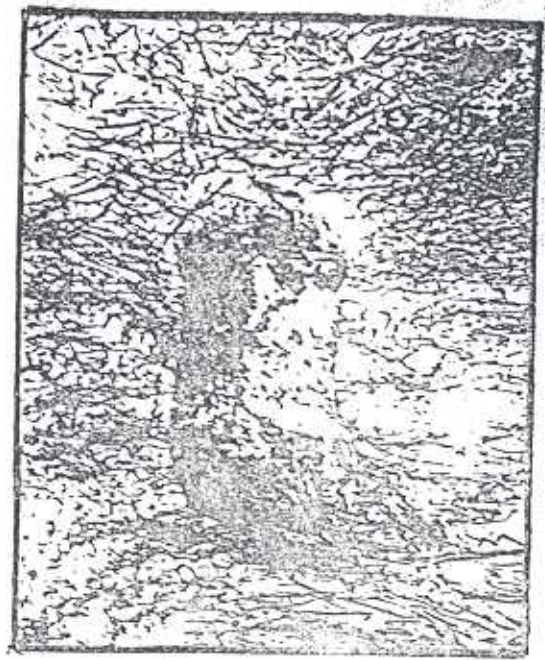


Foto 2B

ARA -Falaqueira



Foto 4A



Foto 4B

ARA -Tapada do Severino, Monte Claro